

mente feudal”, não em sentido figurativo “mas literal e precisamente falando”, como friza o A.

MARIA THERESA SCHORER PETRONE

*

* *

Estructura Economica del Noreste de Mexico (Un analisis regional: 1955). Centro de Investigaciones Economicas. Universidad de Nuevo León. pp. XXII + 246. Monterrey, 1962.

A análise econômica regional vem despertando o interesse cada vez maior dos economistas, tendo em vista um conhecimento mais exato para a execução de um planejamento para o aproveitamento integral de recursos econômicos regionais. Devido às particularidades de que cada região é dotada, torna-se necessário um amplo conhecimento empírico para um estudo eficaz. É tendo em vista a tais objetivos que foi preparado o presente trabalho, que resulta de investigações levadas a efeito numa região mexicana, escolhida não só por representar uma unidade geográfica, mas também devido as facilidades com que era possível manipular-se com os dados existentes sobre a economia da região estudada.

Embora o estudo seja de uma área mexicana, apresenta um interesse imediato aos economistas em geral, que se dediquem ao estudo da economia regional, pois, a segunda parte do trabalho é dedicada à **discussão** de problemas metodológicos, após, na primeira parte, dedicar -se a uma análise dos resultados obtidos. Nas duas partes são dedicados capítulos especiais a cada setor de produção econômica.

As cifras utilizadas, como está indicado no subtítulo, são referentes apenas ao ano de 1955. Além disso, foram necessárias algumas reconstruções, de ordem hipotética, o que pode ter dado margem a alguns pequenos erros, como nos adverte o Diretor da pesquisa, na Introdução. Numerosos quadros e gráficos facilitam e esclarecem a compreensão do texto, sendo que nêles são feitos quadros comparativos, entre a economia regional, nacional e de outras nações, produtos e atividades, distribuição de rendas, cálculos de população e índices de emprego, etc. São, ao todo, 135 quadros e gráficos, incluídos no texto.

Dada a importância dos estudos de economia regional, e a relativa escassez bibliográfica especializada, e considerando-se o alto nível em que o assunto é tratado no presente volume, consideramos uma das contribuições positivas para os especialistas e estudiosos em geral.

KUNIO SUZUKI

*

* *

DINES (Albertó), **SIROTSKY** (Nahum), **CARLOS** (Newton) e **CAMPOS** (Roberto). **O mundo depois de Kennedy.** Rio de Janeiro. José Alvaro, Editor, 1965. 217 págs., illus. Inclui depoi-

mento prestado pelo Embaixador Lincoln Gordon com vistas ao Projeto de História Oral de Kennedy.

Este livro é um exemplo de como uma obra escrita por jornalistas e diplomatas pode ser clara o tempo todo, objetiva quase sempre, mas sem dúvida importante para os que querem ter uma perspectiva brasileira a respeito de assuntos internacionais da mais alta significação. Com excessão é claro, do depoimento do Embaixador Gordon, que tem sua importância a partir de outro ponto de vista. Pela contribuição que dá à compreensão da história de nossos dias, merece o volume ser citado numa publicação especializada como esta. Não que esteja isenta de falhas: há repetições dos mesmos fatos nos diferentes capítulos; por vêzes há uma preocupação excessiva do autor em se fazer "interessante", despreocupando-se com o conteúdo; além do que, por não se tratar de obra especificamente histórica, os autores enveredam, uma vez ou outra, pelos arriscados caminhos das opiniões valorativas.

Segundo o próprio índice, é este o plano do livro:

página	7	— prefácio —	Araújo Netto;
página	13	— Os Kennedy sem John —	Alberto Dines;
página	41	— Washington sem Kennedy —	Nahum Sirotsky;
página	73	— A Coexistência sem Kennedy —	Newton Carlos;
página	91	— O Brasil e Kennedy —	Roberto Campos;
página	125	— Dedo no gatilho —	Alberto Dines;
página	161	— Depoimento do Embaixador Lincoln	Gordon.

Em **Os Kennedy sem John**, sem dúvida, o capítulo escrito com mais paixão no livro, encontramos frases de visível entusiasmo pela família Kennedy, fruto menos da observação fria do que da emoção, porisso mesmo de pouca importância para o estudioso:

"Estofa, fibra, caráter, são contagiosos em Hyanisport Mass"
(pág. 39).

Mas, ao lado dêsse aspecto encontramos uma narração interessante a respeito do funcionamento da democracia americana, com as movimentadas convenções, os agitados comícios e a luta eleitoral violenta.

Com objetividade bem maior, o segundo capítulo, **Washington sem Kennedy** principia historiando as razões da vitória de Kennedy sobre Nixon, em 1960. Contando com o apôio de um grupo de intelectuais preocupados em apagar o maccarthismo e o conformismo da sociedade americana, organizando uma máquina eleitoral bem estruturada, o máximo que Kennedy conseguiu foi ficar em condições de igualdade com o adversário.

"E tristemente provável que estejam certos aquêles analistas que acreditam que as eleições foram decididas pelos debates de televisão entre Kennedy e Nixon. Não pelo confronto de idéias e, sim, de personalidades". (pág. 46). E conclui o autor: "Venceu o mais simpático" (pág. 47).

Segue o autor expondo as características dos dois grandes partidos americanos para, em seguida, voltando a Kennedy, narrar algumas das principais modificações que o ex-presidente fez na Capital. Cita a seguir o insucesso da Baía dos Porcos e outros episódios do governo Kennedy, terminando por colocá-lo como o maior eleitor de Johnson, nas eleições de 1964, em que este derrotou Goldwater de maneira esmagadora.

A despeito do título, **A Coexistência sem Kennedy**, Newton Carlos começa mostrando que Kennedy atingiu suas metas depois de morto, ou seja, no governo Lindon Johnson: o país, além de alcançar um grau de prosperidade fora do comum, aprovou, através do Congresso, leis de alcance social e integracionistas que, em vida, Kennedy não conseguira aprovar. Depois focaliza Newton Carlos algumas das transformações — benéficas — que o kennedismo operou na coexistência: a liberalização do comunismo na URSS de Kruchov (e o autor insinua a relação entre a morte do americano e a queda do russo) e as brechas no bloco comunista ligado àquêle país. Diz o autor que,

“com o grito de independência, a Romênia, Polônia e Hungria procuraram incrementar suas relações com o Ocidente” (pág. 83).

Newton Carlos prossegue mostrando a situação da coexistência em nossa era pós-Kennedy, com a fisionomia bastante diversa daquele mundo anterior a êle.

Roberto Campos, então embaixador brasileiro nos EUA é que examina as relações entre **O Brasil e Kennedy**. Periodiza essas relações em quatro fases distintas, a partir das diferentes perspectivas que o governo americano teve do nosso país (governo). São as seguintes:

1). — fase da **cooperação confiante**, que equivaleu ao período de governo do sr. Jânio Quadros, quando o

“neutralismo brasileiro parecia incapaz de afetar substancialmente o equilíbrio internacional de forças, ao passo que a inflação poderia levar a um cataclisma social favorável à esquerda” (pág. 100).

Daí o apôio dos EUA à política financeira de Jânio.

2). — fase da **expectativa cautelosa**: o período da experiência parlamentarista, quando, após a renúncia do sr. Jânio Quadros houve um arranjo parlamentarista com a finalidade de restringir o poder do sr. João Goulart. Houve, em consequência da mudança de governo, mudança de Ministério e dos planos econômicos brasileiros que o governo americano apoiara.

3). — fase da **cooperação cética**: corresponde ao período de militância do sr. San Thiago Dantas na pasta da Fazenda, já após o plebiscito. Afirma Roberto Campos que

“Conquanto a visita de Robert Kennedy ao Rio de Janeiro como enviado especial não houvesse surtido efeito no sentido de induzir Goulart a uma composição centrista, nem de levá-lo a cumprir o compromisso de eliminação de áreas de atrito, a oportunidade aberta pelo resultado do plebiscito ressuscitou esperanças” (pág. 114).

4). — fase da **espera angustiada**: foi o período decorrido entre a mudança de Gabinete e a morte de Kennedy. Foi, segundo Roberto Campos, quando

“percebi que Goulart embarcaria na orgia inflacionária, que procuraria justificar alegando a obsolência das estruturas, sômente retificável por reformas violentas com tonalidade esquerdista” (pág. 119).

Encontramos a seguir a apresentação dos resultados colhidos pelo célebre Relatório Warren, que é um documento apresentado pelo jornalista Alberto Dines sob um título de fita de bang bang: **Dedo no Gatilho**.

A última parte do livro tem um interêsse bastante grande para nós: se o restante do volume nos interessa por ser uma visão brasileira de problemas de ordem internacional, no depoimento do então embaixador dos EUA no Brasil temos uma visão de vários assuntos brasileiros — alguns focalizados de propósito, outros de passagem — por parte de um importante diplomata americano.

JAIME PINSKY